



FIGURA 1 *Quercus pyrenaica*



FAGOSILVA – A FLORESTA DOS CARVALHOS

FOTOGRAFIA **Lísia Lopes**

TEXTOS **Lísia Lopes, Rosa Pinho e Paula Maia**

Herbário do Departamento de Biologia
da Universidade de Aveiro



FIGURA 2 Carvalhal



FIGURA 3 *Arbutus unedo*



FIGURA 4 Laurissilva



FIGURA 5 *Laurus nobilis*



Antes da última glaciação (Würm), que começou há 100 mil anos e terminou há 12 mil, o território continental de Portugal possuía um clima subtropical húmido e a floresta que existia era constituída por árvores de folhas persistentes, com uma composição semelhante à que podemos observar ainda hoje na região biogeográfica Macaronésica (Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde). Essa floresta, denominada Laurissilva, devido ao facto de dominarem espécies lenhosas da família Lauraceae, como o louro (*Laurus nobilis*), não foi devastada nas ilhas pela glaciação, devido ao efeito amenizante do oceano Atlântico, uma vez que a água é um termorregulador. Assim as temperaturas não atingiram valores tão baixos como no continente, onde a Laurissilva foi profundamente afetada e quase extinta.



FIGURA 6 *Prunus lusitanica*

FIGURA 7 *Quercus robur*



A glaciação alterou o clima no território continental que passou a temperado mediterrânico. O clima mediterrânico é o único onde a estação fria está associada à estação das chuvas e o verão corresponde à estação seca. Essas alterações fizeram com que o nicho ecológico da Laurissilva fosse ocupado por uma nova floresta, com espécies mais adaptadas às condições pós-glaciares. Surgiu desta forma uma nova floresta climática, em que as espécies lenhosas dominantes pertenciam à família Fagaceae, como os carvalhos (género *Quercus*), a faia (*Fagus sylvatica*), com distribuição natural apenas no norte da Galiza, e o castanheiro (*Castanea sativa*). E em consonância com a Laurissilva, esta floresta foi designada de **FAGOSILVA** (*silva* que significa selva, floresta ou bosque e *fago* referente à família Fagaceae).



FIGURA 12 *Fagus sylvatica*



FIGURA 8 *Castanea sativa*



FIGURA 9 *Crataegus monogyna*



FIGURA 10 *Erica arborea*



FIGURA 11 *Arbutus unedo*





FIGURA 13 *Betula pubescens*



FIGURA 14 *Prunus spinosa*



FIGURA 15 *Quercus pyrenaica*



FIGURA 16 *Quercus robur*

Estas florestas naturais são constituídas por comunidades vegetais que representam etapas climáticas terminais e que caracterizam o habitat. Possuem uma estrutura complexa, multiestratificada, com diversas espécies arbóreas características, como o carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), o castanheiro (*Castanea sativa*), a faia (*Fagus sylvatica*), o bidoeiro (*Betula pubescens*), acompanhadas por espécies sempre-verdes, relíquias da floresta Laurissilva, como o azereiro (*Prunus lusitanica*), o folhado (*Viburnum tinus*), o medronheiro (*Arbutus unedo*). O estrato arbustivo é igualmente caracterizado por algumas espécies emblemáticas, tais como o pilriteiro (*Crataegus monogyna*), a urze-branca (*Erica arborea*), o escalheiro (*Pyrus cordata*). A den-

FIGURA 17 *Viburnum tinus*



FIGURA 18 *Crataegus monogyna*



FIGURA 19 *Arbutus unedo*





FIGURA 21 *Lonicera periclymenum*

sidade, a espessura e o tipo de folhagem dominante destes estratos influenciam a densidade do subcoberto ao nível herbáceo e de trepadeiras, que nos carvalhais é caracterizada pela ocorrência de geófitos de floração precoce, como o narciso (*Narcissus triandrus*), dente-de-cão (*Erythronium dens-canis*), anêmona-dos-bosques (*Anemone trifolia*), por espécies trepadeiras, como a hera (*Hedera* spp.), a uva-de-cão (*Tamus communis*), a madressilva (*Lonicera periclymenum* subsp. *periclymenum*), acompanhados por diversas espécies de musgos e fetos, onde se destacam os *Polypodium* spp., *Dryopteris* spp. e *Asplenium* spp.



FIGURA 22 *Erythronium dens-canis*



FIGURA 23 *Asplenium trichomanes*





FIGURA 24 *Ruscus aculeatus*



FIGURA 27 *Tamus communis*



FIGURA 28 *Linaria triornithophora*

Atualmente estas florestas naturais encontram-se reduzidas, constituindo pequenos bosques frequentemente situados nas encostas declivosas de zonas montanhosas. A fragmentação da Fagosilva deve-se sobretudo à plantação de monoculturas (pinheiro e eucalipto), aos incêndios recorrentes e à proliferação de espécies exóticas invasoras. Tentar inverter estes processos e salvar a Fagosilva é urgente e prioritário. O que fizermos no presente terá consequências para a vitalidade e resiliência da floresta portuguesa no futuro, a médio e longo prazo.

FIGURA 25 *Polypodium vulgare*



FIGURA 26 *Narcissus triandrus*



FIGURA 29 *Physospermum cornubiense*





FIGURA 30 *Sorbus aucuparia*



FIGURA 31 *Corylus avellana*

FIGURA 32 *Castanea sativa*



FIGURA 33 *Prunus lusitanica*



FIGURA 34 *Viburnum tinus*



FIGURA 35 *Fagus sylvatica*



Temos que voltar a plantar maioritariamente espécies autóctones e investir na educação e sensibilização ambiental. Apostar na formação de crianças e jovens é fundamental, para que a floresta possa continuar a ser um presente para o futuro!

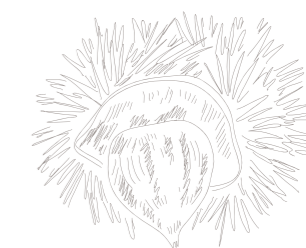


FIGURA 36 *Ilex aquifolium*